

---

# A cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim)

JOÃO LUÍS CARDOSO<sup>1</sup>  
ALEXANDRA GRADIM<sup>2</sup>

**R E S U M O** Neste estudo dão-se a conhecer os resultados da escavação de emergência realizada em Abril e Maio de 2000 na cista megalítica do Cerro do Malhão (Alcoutim), pouco tempo antes parcialmente destruída pela construção de uma antena de telecomunicações da TMN, empresa que suportou parcialmente os encargos da escavação. Esta, desenvolveu-se em extensão, numa área alargada em torno do monumento, o que permitiu pôr à vista um vasto lajeado, constituído por elementos de grauvaque e de xisto, de planta subcircular, tendo por centro a cista megalítica.

Tendo em consideração que aquele lajeado, regular e extenso, bem delimitado na sua periferia, estaria a descoberto — pois de outra forma não se entenderia a sua existência — conclui-se que a cista, cujos topos atingem cerca de 0,5 m acima daquele, se encontraria também a descoberto, constituindo uma espécie de sarcófago a céu aberto, no centro do referido lajeado.

Trata-se da primeira vez que, numa cista megalítica, se reconheceram tais características arquitectónicas. O exemplo mais próximo no território português corresponde à cista megalítica de Castelejo (Vila Nova de Paiva), publicada por G. Leisner, a qual possui, na base de um dos esteios menores, uma abertura, sugerido que, tal como a de Cerro do Malhão, fosse desprovida de cobertura.

Embora violada de há muito, a cista estudada, pela técnica construtiva, de carácter megalítico, pelo tamanho e pelo espólio, situar-se-á entre o Neolítico Final e o Calcolítico, sendo porém anterior às cistas do Calcolítico Final regional, pertencentes ao chamado “Horizonte de Ferradeira”.

**A B S T R A C T** In this study, results are presented from an emergency archaeological excavation performed during April and May 2000 on the megalithic cist of Cerro do Malhão (Alcoutim). This site was partially destroyed during the installation of a telecommunication antenna. The full excavation of the monument showed a circular slab covering made of greywacke blocks, surrounding the cist, in its central part. This secondary structure was likely not covered, therefore the upper part of the cista is about 0,5 m above this surface and highly evident. It's the first time that in a megalithic cist such architectonic features are recognized. The closest example in Portuguese territory belongs to the megalithic cist of Castelejo (Vila Nova de Paiva) published by G. Leisner, which presents in the base of one of the minor monoliths a hole suggesting that it could be originally uncovered, like the Algarvian monument.

The megalithic cist of Cerro do Malhão can be time framed between the Late Neolithic and the Chalcolithic, and is likely older than the cists from regional Late Chalcolithic such as Horizonte de Ferradeira, defined by H. Schubart.

## 1. Introdução

No âmbito das acções de cartografia arqueológica e de acompanhamento dos planos de floresta do concelho de Alcoutim, realizadas pela Dr.<sup>a</sup> Alexandra Gradim, Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim, foi localizado pela mesma, no Cerro do Malhão (freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim), monumento funerário pré-histórico ainda inédito, correspondendo a uma cista megalítica.

Do ponto de vista geomorfológico, trata-se de uma elevação suave, isolada na paisagem, a partir da qual se descortinam vastos horizontes em todas as direcções. As suas coordenadas geográficas são as seguintes, de acordo com a Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, folha n.º 573 (Santa Cruz), Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1978 (Fig. 1):

37° 26' 12" Lat. Norte

7° 46' 25" Long. Oeste de Greenwich

Na altura da sua identificação, a exploração arqueológica do referido monumento não se afigurava prioritária. Porém, em inícios de 2000, a implantação de uma antena de telecomunicações móveis da TMN, de cujo projecto não existia conhecimento prévio no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim, provocou estragos na periferia da estrutura, razão pela qual se encarou a necessidade de ali se realizar uma escavação urgente, no sentido de garantir a salvaguarda da parte ainda intacta do monumento. Tal intervenção viabilizaria, por outro lado, a recuperação e valorização do monumento, acção em que a Câmara Municipal de Alcoutim se encontrava e encontra empenhada, até pela proximidade do local da importante povoação de Martinlongo, de onde é facilmente acessível.

Deste modo, foi organizada uma campanha de escavações, enquadrada na Categoria D – “acções de emergência a realizar em sítios arqueológicos que, por efeitos da acção humana ou acção natural, se encontrem em perigo iminente de destruição parcial ou total”. Tal campanha, financiada pela TMN e com o apoio da Câmara Municipal de Alcoutim, foi dirigida pelo primeiro signatário, tendo-se desenvolvido em duas fases: a primeira, em Abril de 2000, teve de ser suspensa devida às fortes chuvadas então verificadas; a segunda, em inícios de Maio, totalizando oito dias úteis de trabalho. Contou-se com a participação, activa, permanente e empenhada, de Fernando José Estêvão Dias, Assistente de Arqueólogo da Câmara Municipal de Alcoutim, para além da colaboração de diversos jovens estudantes que, na altura, colaboravam com o Gabinete de Arqueologia da CMA. Os desenhos de campo e de gabinete estiveram a cargo de Bernardo L. Ferreira.

## 2. Trabalhos realizados

Os trabalhos de campo iniciaram-se pelo reconhecimento do terreno na zona atingida pela construção da antena da TMN; com efeito, o murete de fundação da vedação de protecção, uma

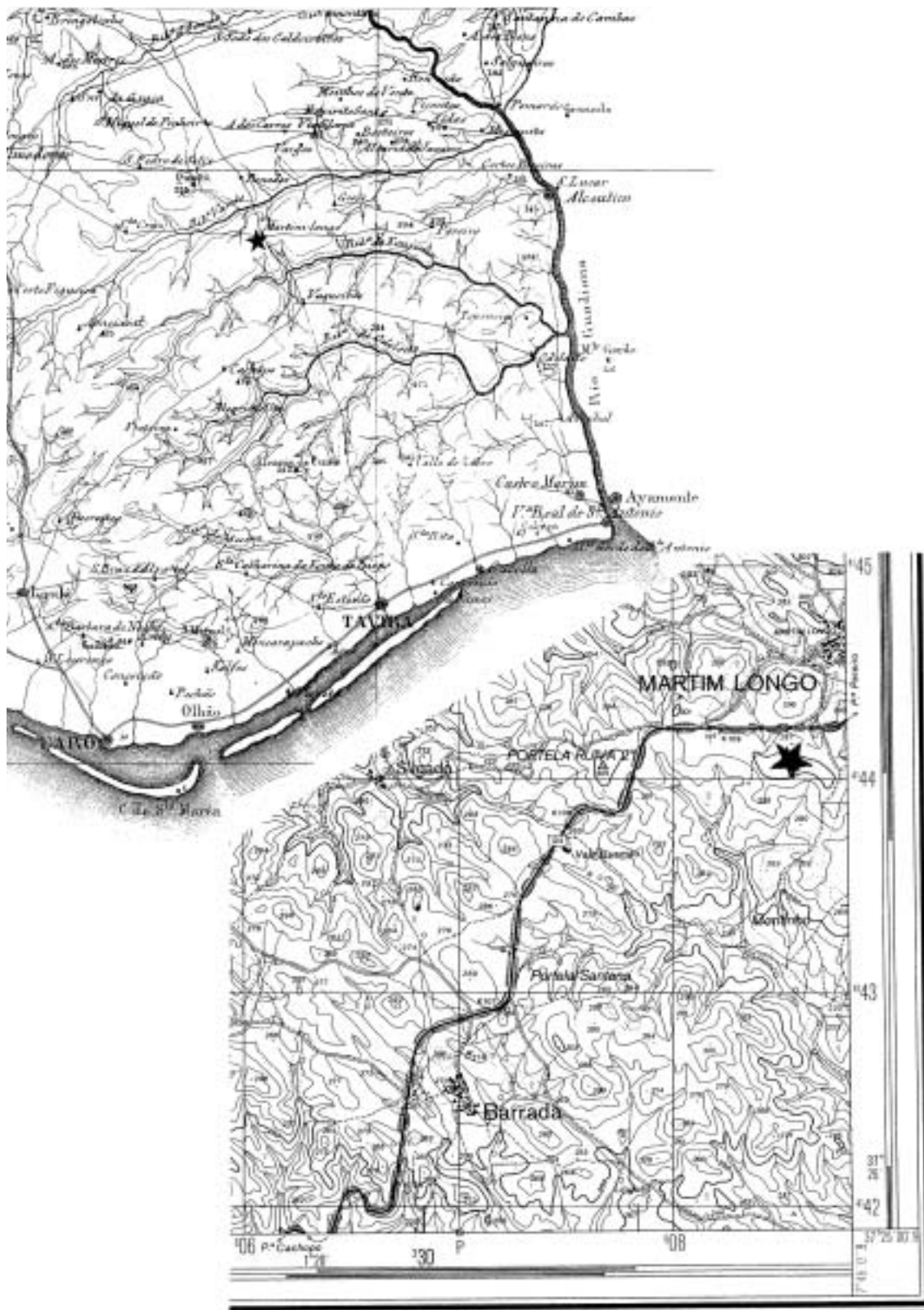


Fig. 1 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Localização do monumento na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, folha n.º 572 – Santa Cruz, Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército, edição de 1978 (em baixo) e na Carta Geographica do Reino, publicada pelo Instituto Geographico, na escala de 1/500 000 reproduzida em 1866 por Carlos Ribeiro (em cima).

sapata contínua de cimento e tijolo, tinha cortado, a todo o comprimento, zona adjacente à cista, a qual se afigurava, vista em secção, constituída por uma superfície regular, constituída por lajes de grauvaque e de xisto, assentes no substrato geológico, por vezes regularizado com terra, localmente representado por afloramentos de xisto finamente folheados, pertencentes ao Carbonífero marinho (Paleozóico Superior). Uma vez delimitada, em toda a extensão, a área atingida pela destruição, foi implantada no terreno uma quadrícula definida por eixos ortogonais, orientados Norte-Sul e Este-Oeste, subordinados à própria orientação do referido murete. O espaço assim definido, com o contorno de um rectângulo com o comprimento de 10,5 m e a largura de 6,0 m foi quase totalmente escavado, exceptuando duas pequenas zonas situadas nos cantos meridionais da área correspondente (Fig. 2). Tratou-se, pois de uma escavação em extensão, com o objectivo de delimitar o referido lageado, construído no exterior da caixa tumular propriamente dita, para além da escavação desta.

### 2.1. A caixa tumular

A cista megalítica, correspondente à caixa tumular propriamente dita, é constituída por grandes blocos de grauvaque, muito irregulares, sem vestígios de afeiçoamento, e de tamanhos diferentes. Antes da realização dos trabalhos, quase todos eles — com excepção dos mais pequenos — já afloravam francamente no terreno. O espaço assim delimitado, apresentava-se fechado e de contorno sub-rectangular, orientado Este-Oeste. Os topos do recinto seriam arredondados, faltando os respectivos elementos; conservaram-se apenas pequenos fragmentos, a oriente, enquanto que, do lado oposto, para além de dois pequenos calços, observados de ambos os lados, salientava-se um degrau, correspondente à implantação dos esteios em falta e que fechavam desse lado o monumento. Do lado norte, a parede lateral da cista é constituída essencialmente por um grande bloco alongado e sub-rectangular, enquanto que a parede lateral meridional se encontra definida por dois blocos alinhados, ainda que de diferentes dimensões (Fig. 3).

Trata-se, pois, de uma cista megalítica de grandes dimensões, com o comprimento de 2,0 m e a largura máxima exterior de 1,5 m, atingindo os blocos maiores a altura de 0,8 a 0,9 m. Não se encontraram quaisquer fragmentos da tampa, que seria, naturalmente, constituída pelo menos por uma grande laje de grauvaque (Fig. 4).

### 2.2. O lageado exterior

Desenvolve-se a toda a volta da caixa tumular, sendo constituído maioritariamente por lajes de grauvaque, muito irregulares e, em menor quantidade, de xisto (Figs. 5, 6). A superfície assim organizada possuía originalmente contorno subcircular, ocupando a caixa tumular a zona central e um diâmetro aproximado de 9,0 m; como se disse, assentava directamente no substrato geológico, por vezes regularizado através de uma camada terrosa estéril. O lageado assim organizado, foi destruído a todo o comprimento do lado Norte, em resultado da implantação do murete atrás referido, correspondente tal destruição a cerca de 40% da sua área total inicial. Seja como for, a parte conservada permite ainda, nalguns sectores, verificar o cuidado com que tal superfície foi construída, sendo a respectiva periferia, de contorno curvilíneo, delimitada por alguns elementos dispostos de cutelo (visíveis em primeiro plano na Fig. 5).

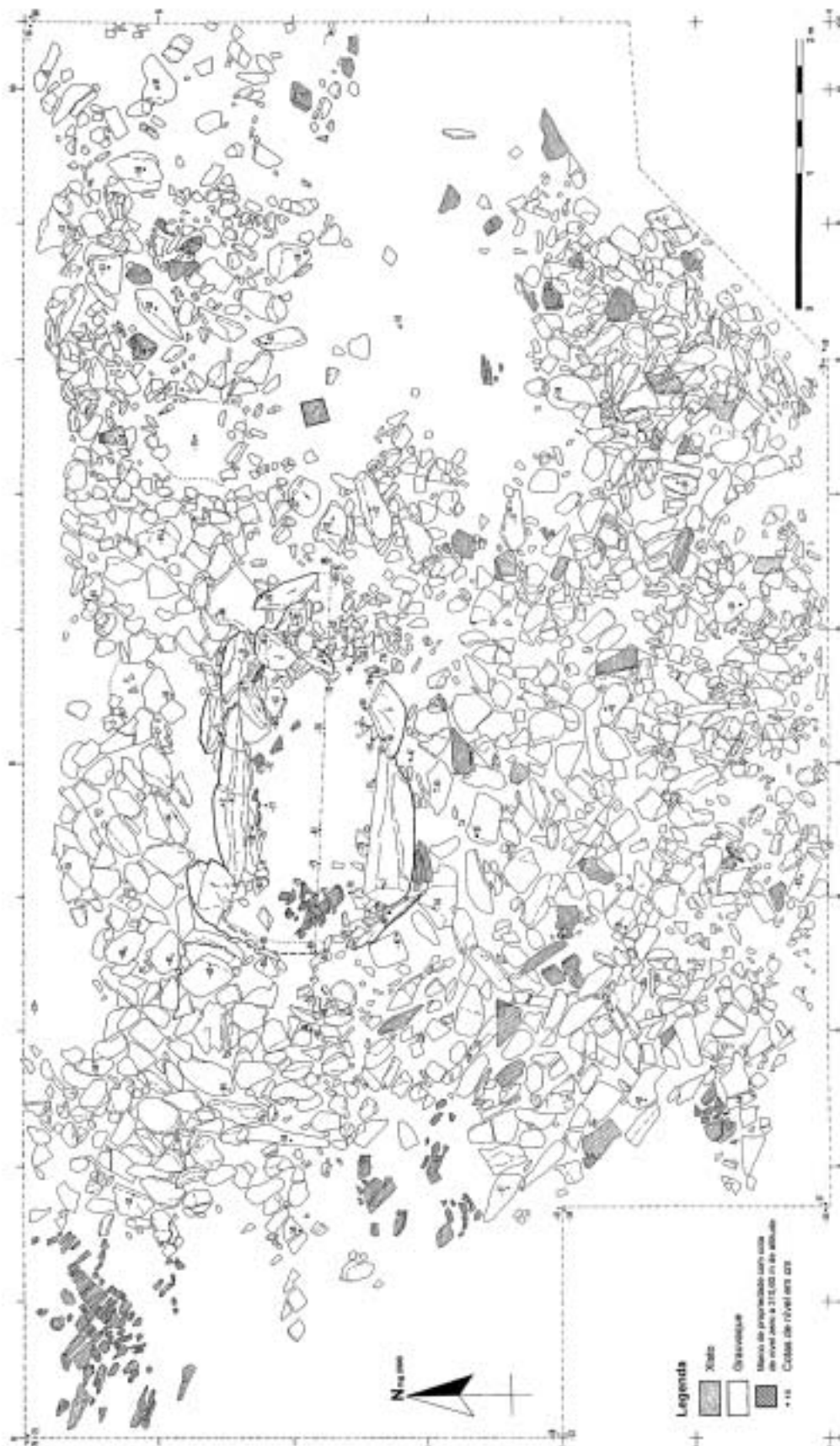


Fig. 2 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Planta geral da área escavada.

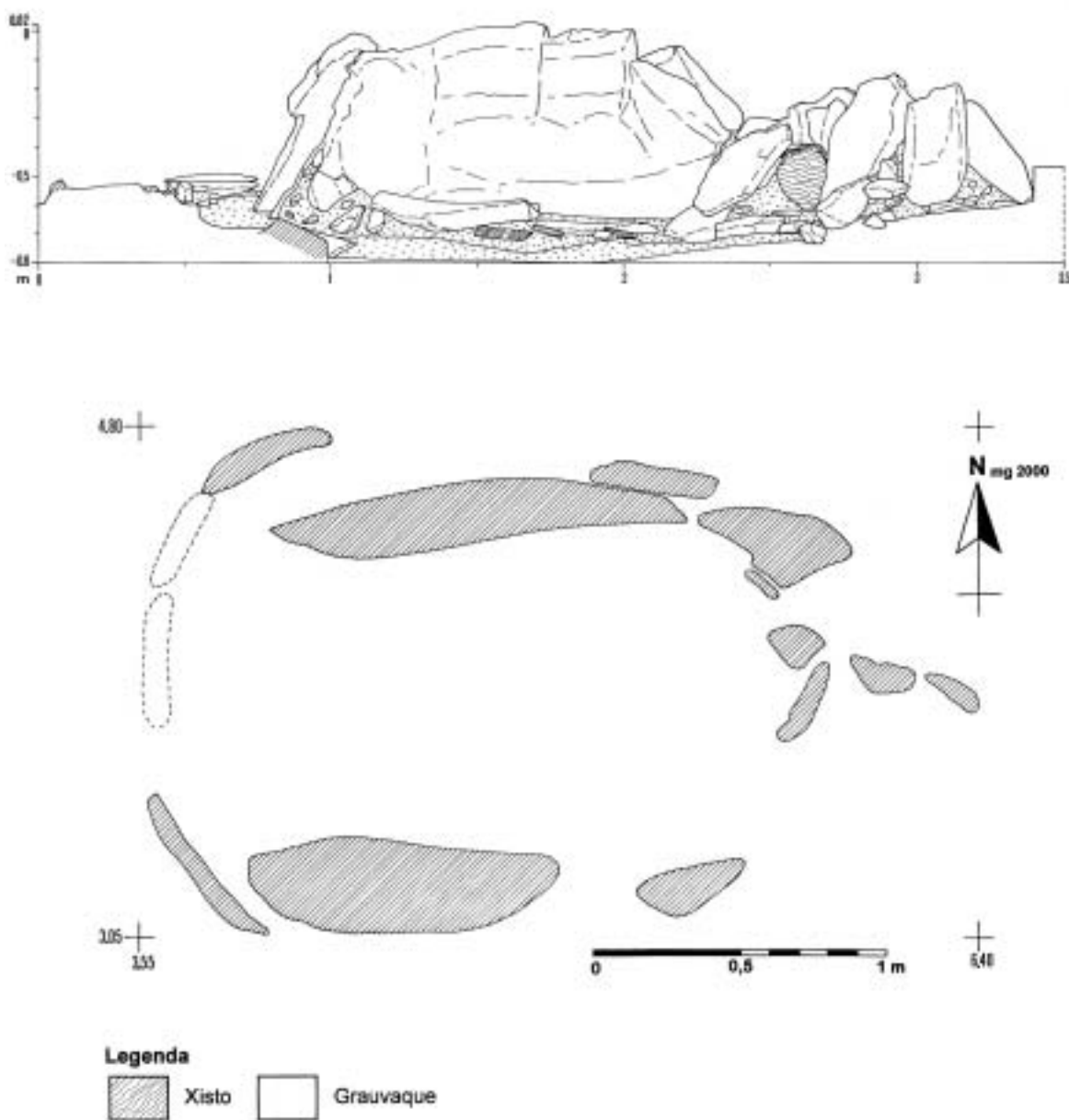


Fig. 3 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Planta da estrutura e respectivo alçado.

A existência desta superfície lajeada, a qual primitivamente se encontraria a descoberto — de outra forma não se entende a razão da sua existência — circundante da caixa tumular, a qual se encontra cerca de 0,5 m mais alta do que aquela, mostra que originalmente, a cista seria desprovida de cobertura (*tumulus*), encontrando-se mesmo saliente no terreno, à maneira de um sarcófago, desprovida de *tumulus*. Nestas condições, a superfície lajeada, teria as funções de delimitar e proteger a estrutura sepulcral propriamente dita (Fig. 6).



Fig. 4 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Vista parcial da cista e do lajeado exterior (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 5 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Vista da cista e do lajeado exterior, observando-se em primeiro plano o limite do mesmo, assente no substrato geológico (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 6 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Vista da estrutura tumular e do lajeado envolvente (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 7 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Vista parcial da estrutura tumular, observando-se, no interior da mesma, à esquerda, machado de pedra polida *in situ* (foto de J. L. Cardoso).



### 3. Espólio

O monumento, pela sua exposição evidente, pela sua fácil acessibilidade e, até, por se encontrar nas proximidades de um núcleo urbano antigo – a povoação de Martinlongo – fora há muito violado e saqueado. Com efeito, o espólio recolhido foi escasso e, nalguns casos, muito fragmentado, o que não é sinónimo de menos interesse ou significado. Prova dessas antigas violações é o facto da maioria dos materiais provir do exterior da cista, em resultado das terras dela extraídas. A excepção é um machado de anfiboloxisto, encontrado ainda *in situ*, em posição ritual, junto à base do monólito oriental do lado setentrional da cista, paralelo ao corpo nela originalmente depositado (Fig. 7), provavelmente, como em outros casos, em decúbito dorsal.

#### 3.1. Pedra lascada

- 1 – Ponta de seta curta, de bordos convexos e base profundamente cavada, de sílex cinzento, de má qualidade. Apresenta-se com fractura de impacto na extremidade, indicando uma provável utilização anterior (Fig. 8, n.º 4). Crivo, lado ocidental do lajeado exterior à cista.
- 2 – Lamela fragmentada de sílex castanho-acinzentado, com duas “encoches” opostas junto à extremidade proximal, talvez destinadas a encabamento (Fig. 8, n.º 5). Crivo, lajeado exterior à cista.

#### 3.2. Pedra polida

- 3 – Grande machado de anfiboloxisto, de secção subrectangular com os lados menores bombeados e mal polidos. Lados maiores igualmente mal polidos, à excepção da zona do bisel, cuidadosamente polida. Gume de contorno fortemente assimétrico, intacto e cuidadosamente acabado por polimento. Talão em forma de cunha, com vestígios de percussão (Fig. 8, n.º 1). Como se disse, foi a única peça encontrada no interior da cista, ainda na posição primitiva.

#### 3.4. Pedra afeiçãoada

- 4 – Pequeno fragmento de amoladeira ou polidor de grauvaque micáceo, recolhido no exterior da cista, entre os elementos do lajeado circundante, do qual faria parte integrante (Fig. 8, n.º 2).

#### 3.5. Objectos mágico-simbólicos

- 5 – Fragmento de pequeníssimas dimensões de placa de xisto, com vestígios de decoração geométrica, por gravação (Fig. 8, n.º 3). Crivo, lajeado exterior à cista. O diminuto tamanho deste fragmento evidencia uma atitude intencional, de reduzir ao máximo o espólio arqueológico, na esperança de este poder corresponder a tesouros encantados, convicção que se encontrava muito generalizada em épocas ainda não muito distantes.

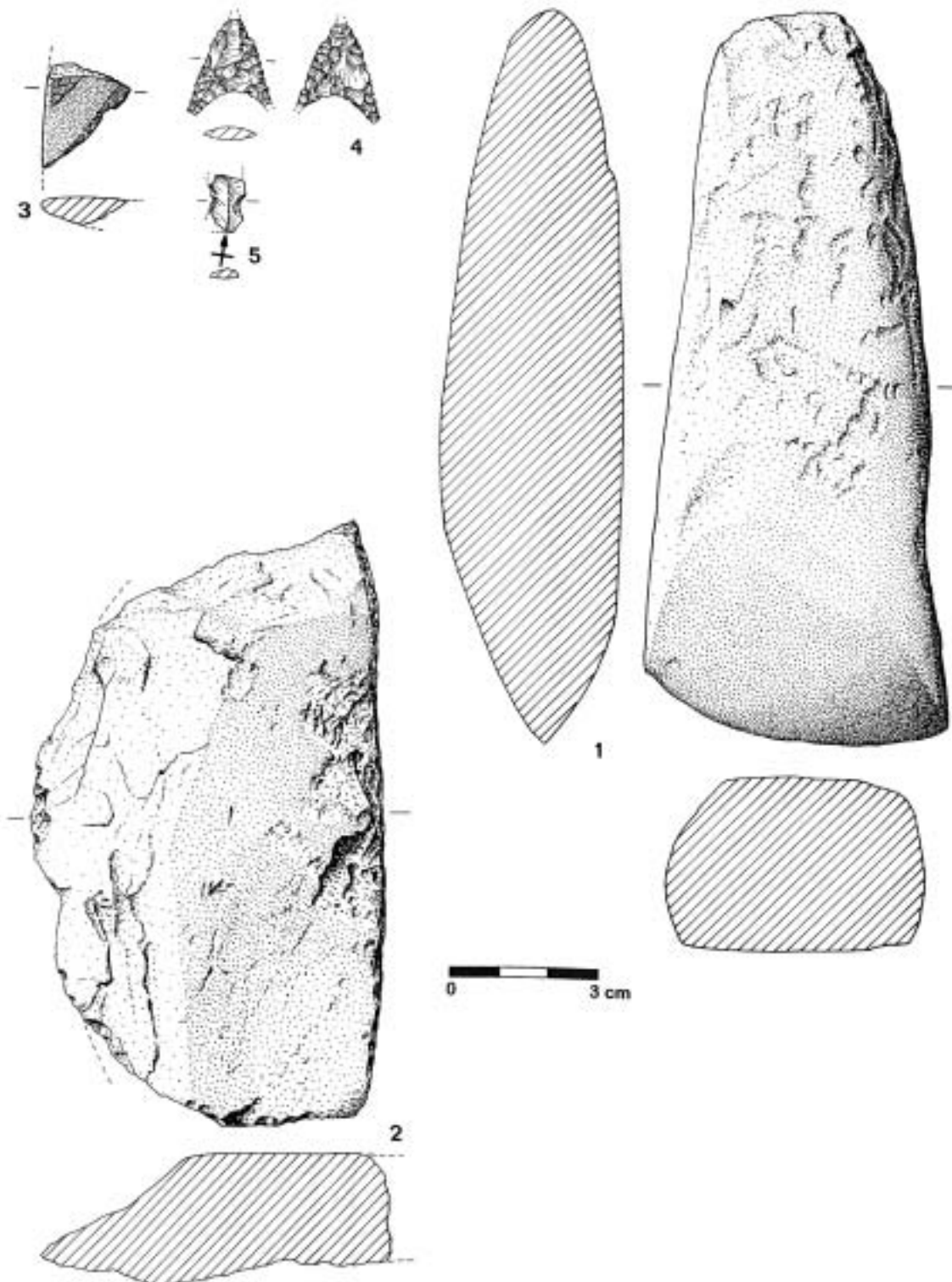


Fig. 8 Cista megalítica do Cerro do Malhão. Materiais arqueológicos recolhidos.

Com efeito, o sepulcro, pela sua fácil identificação e visibilidade, despertaria a atenção das populações da região, encontrando-se de há muito violado.

A presença do sílex é exógena; esta rocha provirá, muito provavelmente, do litoral de Tavira, por ser a zona mais próxima onde tal matéria-prima é conhecida (Manupella et al., 1987). Quanto ao anfiboloxisto de que é feito o machado, a zona mais próxima de onde poderia provir situa-se na faixa piritosa, Zona de Ossa/Morena, a cerca de 50 km de distância em linha recta. Deste modo, configura-se a existência de uma rede transregional de circulação de matérias-primas (ou, mais provavelmente, neste caso, de produtos já manufacturados), realidade que tinha sido já identificada no Neolítico Final regional (Cardoso et al., 2002).

#### 4. Discussão e considerações finais

A discussão da integração cronológico-cultural da cista do Cerro do Malhão deverá atender, simultaneamente, às suas características arquitectónicas e ao respectivo espólio. Do ponto de vista arquitectónico, esta sepultura possui aspectos até agora desconhecidos em monumentos congéneres. Com efeito, a presença de um lajeado exterior, envolvendo a cista, a qual se apresenta sobrelevada cerca de 0,5 m acima daquela superfície, afigura-se inédita. Deste modo, a caixa tumular, constituída pela cista, apresentar-se-ia originalmente a descoberto no terreno, sendo desprovida de *tumulus*. O lajeado teria, assim, uma dupla função: a de sublinhar o espaço funerário, servindo, ao mesmo tempo, como elemento protector do núcleo sepulcral.

Cistas megalíticas como esta, sempre individuais ou, no limite, destinadas à tumulação de um escasso número de indivíduos, são frequentes no sul de Portugal e, de uma forma mais geral, no megalitismo do ocidente peninsular, embora a sua integração cronológico-cultural nem sempre seja fácil, até pela raridade dos espólios recolhidos.

Interessa, conseqüentemente, valorizar as características das peças exumadas. Tendo presente as respectivas tipologias, parecem estar representados dois momentos na utilização do monumento: um, mais antigo, do Neolítico Final, correspondente ao fragmento da placa de xisto; outro, já do Calcolítico, representado pela ponta de seta. Mas a verdade é que ambos os artefactos não são de coexistência incompatível, visto conhecerem-se diversas sepulturas, plenamente calcolíticas, com abundantes placas de xisto decoradas e, ao contrário, ser frequente a ocorrência de pontas de seta de base côncava em numerosos contextos do Neolítico Final, tanto de carácter habitacional como funerário. No entanto, o presente exemplar exhibe aspecto nitidamente calcolítico, por possuir a base profundamente cavada, sendo comparável a pontas de seta recolhidas nas *tholoi* alcalarenses (Veiga, 1886, Est. III). Deste modo, é lícito admitir para a construção e ocupação da cista do Cerro do Malhão, uma cronologia do Neolítico Final, ou já do Calcolítico, em todo o caso anterior à das cistas do final do Calcolítico algarvio, como as que correspondem ao chamado “horizonte de Ferradeira”, definido a partir da sepultura individual, do tipo cista, do sítio epónimo, do concelho de Faro (Schubart, 1971). Com efeito, aquela sepultura continha materiais que em nada tinham de comum com qualquer das peças exumadas no presente sepulcro; a sepultura de Ferradeira também não possui ao contrário desta, características megalíticas, dada a pequena dimensão dos elementos que a definem, bem como o seu modo de implantação no terreno, correspondente à abertura de covacho, até um metro abaixo do nível do solo, cujas paredes foram revestidas de lajes calcárias, o qual nada tem a ver com as cistas megalíticas, mais antigas (Franco e Viana, 1949; Ferreira, 1955).

Existem ainda outras cistas algarvias cuja cronologia, tendo presente o respectivo espólio, pode ser coeva da do Cerro do Malhão: é o caso de duas cistas sob *tumulus*, com cerca de 3 m de comprimento de Vale de Carro, Faro, consideradas de características megalíticas, as quais encerravam cerâmicas e cerca de uma dezena de instrumentos: machados e enxós de pedra polida e instrumentos líticos, porém sem qualquer ponta de seta (Ferreira e Castro, 1948).

Algumas cistas megalíticas de Monchique, detêm maiores analogias com a sepultura agora estudada; mas neste caso tais sepulturas encontravam-se cobertas por *tumuli* (Formosinho, Ferreira e Viana, 1953/1954).

Aliás, a existência de cistas megalíticas estende-se a todas as regiões do País, não sendo, seguramente, integráveis numa única etapa cultural.

Ainda no Algarve, e muito mais próximo do monumento em apreço, merece destaque, até pela semelhante implantação no terreno — um alto isolado — a cista megalítica de planta naviforme do Cerro do Castelo (freguesia de Azinhal, concelho de Castro Marim), com o comprimento máximo interno de 2,20 m. Segundo o seu explorador, apareceram escassos materiais que não deixam dúvidas quanto à sua integração no Neolítico ou no Calcolítico (Veiga, 1886, p. 292, 293). Esta é, pois, a ocorrência com maiores semelhanças com o monumento em apreço, sendo também a geograficamente mais próxima.

Importa sublinhar que esta é a primeira cista megalítica a ser escavada no Alto Algarve oriental onde, em contrapartida, se conhecem e exploraram diversas antas de grandes dimensões, providas de câmara e de corredor, também recorrendo ao grauvaque para a feitura dos esteios, pertencentes ao Neolítico Final: é o caso das antas do Curral das Castelhanas e das Pedras Altas (Gonçalves, 1989).

Deve valorizar-se a particularidade de a cista do Cerro do Malhão não se encontrar primitivamente coberta por *tumuluse*, ao contrário, emergir do terreno envolvente, sem outro paralelo no território português. Quanto à eventualidade de algumas cistas megalíticas do território português não se encontrarem enterradas, nem sequer cobertas por *tumuli*, importa salientar a existência da cista de “Castillejo” (sic), ou melhor, do “Castelejo”, do concelho de Vila Nova de Paiva (Leisner e Leisner, 1956, Tf. 28, 63; Leisner, 1998, p. 38, Tf. 135 a, Karte I-16, 17)<sup>3</sup>. Trata-se de uma cista (“antela”, na designação utilizada aquando da sua primeira publicação, cf Leisner, s/d, p. 150), de planta quadrada, de assinaláveis dimensões, desprovida de espólio, a qual possui a particularidade de conservar, no centro da base do esteio voltado a Sudoeste, uma abertura de contorno semi-elíptico, comunicando com o interior. Aquando da sua exploração, a passagem encontrava-se obstruída, do lado externo, por dois blocos (Leisner, s/d, Tf. 63, 1). A presença desta abertura, sem dúvida de carácter ritual, pressupõe que, pelo menos, a face correspondente da cista se encontrava originalmente a descoberto; a ser assim, tratar-se-ia do paralelo mais próximo para a situação detectada no Cerro do Malhão.

A propósito da existência de aberturas afeiçoadas em antas portuguesas, e descontando a anta da Candieira (serra de Ossa), cuja abertura, de pequenas dimensões situada na parte superior de um dos esteios poderá ser mais recente (Cartailhac, 1886, p. 171), é de referir a existência de porta talhada no esteio de um monumento de espólio “neolítico”, explorado por Manuel Heleno na região do Ciborro, concelho de Montemor-o-Novo: trata-se do dólmen do Freixo, da Herdade do Paço, de câmara poligonal alongada mas de pequenas dimensões (2,75 m por 1,50 m), cuja porta, aberta num dos esteios com cerca de 2 m, tanto de largura como de altura, é arredondada e irregular com 1,0 m de altura por 0,50 m de largura (Leisner, s/d, p. 150).

Pelos exemplos apresentados, conclui-se que, embora a cista do Cerro do Malhão seja desprovida de qualquer abertura, os raros monumentos megalíticos que a ostentam — e, particu-

larmente a cista do Castelejo — podem ser invocados a favor da ausência de cobertura tumular no monumento em apreço.

A terminar, é de referir que, no concelho de Alcoutim, existem outras cistas megalíticas, também localizadas pela Dr.<sup>a</sup> Alexandra Gradim. Crê-se que a sua exploração, que se pretende levar a cabo num futuro próximo, muito contribuirá para um melhor conhecimento deste tipo de monumentos funerários, ainda muito mal conhecidos, cujo interesse é reforçado pela presença de particularismos arquitectónicos, como os identificados no caso presente.

---

## NOTAS

- |   |   |
|---|---|
| <p><sup>1</sup> Professor Associado com Agregação (Pré-História)<br/>Universidade Aberta<br/>Rua da Escola Politécnica, 147<br/>1200 Lisboa</p> <p><sup>2</sup> Arqueóloga<br/>Câmara Municipal de Alcoutim<br/>8970 Alcoutim</p> <p><sup>3</sup> Ou cista de Lenteiros (Cruz, 1998).</p> | <p><sup>4</sup> A anta da Candieira foi reproduzida numa colecção de litografias executadas antes de 1867 por ordem de F. Pereira da Costa, as quais se mantiveram até ao presente inéditas. Foi, pois, este ilustre investigador o autor da primeira referência ao monumento e não Gabriel Pereira, como supôs J. Leite de Vasconcellos, que fez o levantamento dos autores e publicações que, entretanto, o mencionaram ou dele se ocuparam (Vasconcellos, 1897, p. 320).</p> |
|---|---|

---

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; GRADIM, A.; JOAQUIM, A. N. (2002) - Menires do Alto Algarve oriental: Lavajo I e Lavajo II (Alcoutim). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 99-133.
- CARTAILHAC, E. (1886) - *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.
- CRUZ, D. J. da (1998) - Expressões funerárias no norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 149-166.
- FERREIRA, O. da V.; CASTRO, L. de A. e (1948) - A estação pré-histórica de Vale de Carro (Albufeira). *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Lisboa. 4:1, p. 53-60.
- FERREIRA, O. da V. (1954) - A arquitectura tumular do Bronze Inicial no Algarve. *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*. Lisboa. 93, p. 178-188.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1953/1954) - Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14:1-4, p. 66-225.
- FRANCO, M. L.; VIANA, A. (1948) - Cemitério da Idade do Bronze nos arredores de Faro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11:3-4, p. 299-305.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: Centro de Arqueologia e História, Instituto Nacional de Investigação Científica, INIC. 1, 566 p. (Estudos e Memórias, 2).
- LEISNER, G. (s/d) - Ausgemeisselte Türen in Megalithgräbern der Pyrenäenhalbinsel. *Marburger Studien*, p. 147-155.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1956) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V. (1998) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MANUPELLA, G.; RAMALHO, M.; ANTUNES, M. T.; PAIS, J. (1987) - *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 53-B (Tavira)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- SCHUBART, H. (1971) - O Horizonte de Ferradeira. Sepulturas do Eneolítico Final no Sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81:3/4, p. 189-215.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1897) - *Religiões da Lusitânia*. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886) - *Antiguidades monumentaes do Algarve*. I. Lisboa: Imprensa Nacional.

